

M. HEIDEGGER, *Gesamtausgabe*, II. Abteilung: Vorlesungen 1919-1944, Band 62: *Phänomenologische Interpretationen ausgewählter Abhandlungen des Aristoteles zur Ontologie und Logik*, Frühe Freiburger Vorlesung Sommersemester 1922, Anhang: *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles (Anzeige der hermeneutischen Situation)*, Ausarbeitung für die Marburger und die Göttinger Philosophische Fakultät (Herbst 1922), Text des Typoskripts mit den handschriftlichen Zusätzen und Randbemerkungen des Autors aus seinem Exemplar, Herausgegeben von Günther Neumann, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 2005, XXIII+451 pp.

Como bem saberá todo aquele que se dedica minimamente ao estudo do pensamento de Heidegger, está previsto que a edição integral dos textos do filósofo venha a compreender no total cerca de cem volumes. Sobejamente sabido pelos estudiosos de Heidegger é, também, que a *Gesamtausgabe* faz vir a lume textos de natureza bastante diversa, a saber, as obras publicadas pelo próprio filósofo ainda durante a sua vida, os manuscritos e apontamentos que destinou às lições proferidas quer em Friburgo quer em Marburgo, tratados que não chegaram a sair para publicação, reflexões de índole mais pessoal, etc. Assim como todos os outros escritos que a *Gesamtausgabe* vai, pouco a pouco, colocando à nossa disposição, também as lições proferidas por Heidegger estão a contribuir decisivamente para um alargamento considerável de perspectiva sobre o horizonte global de questionação em que o filósofo se moveu. O volume 62, de que aqui procuramos fazer recensão, pertence ao conjunto das chamadas “primeiras lições de Friburgo” e, nesse sentido, os esclarecimentos relevantes que nos proporciona estão directamente relacionados com a progressiva abertura de perspectiva a que corresponde a “analítica existencial-temporal do *Dasein*”, cuja expressão mais completa se pode encontrar na obra principal *Sein und Zeit*.

Há já algum tempo e com relativa expectativa que, por diversos motivos a apresentar de seguida, o âmbito dos estudos heideggerianos aguardava o aparecimento do volume 62. Desde logo porque, até à publicação do volume em questão, o primeiro conjunto de lições que Heidegger proferiu em Friburgo teimava em ficar indisponível na sua globalidade. Todos os restantes escritos atinentes a esse primeiro conjunto de lições já se encontravam disponíveis para leitura e análise, à excepção do volume 62, que assim impedia o atingir da completude aparente de um grupo de textos, sempre um pouco desejada pela nossa faceta escondida de historiadores e estudiosos académicos. Em segundo lugar, na medida em que a lição contida no volume 62 consiste num conjunto de exercícios fenomenológicos realizados a partir de tratados escritos por Aristóteles, o conteúdo do texto desta lição tinha a possibilidade de oferecer uma

perspectiva concreta, diferente das restantes, a respeito dos caminhos percorridos pela fenomenologia heideggeriana. Para além disto, o volume 62 foi, ao mesmo tempo, aguardado pelo papel que estava ao seu alcance desempenhar na continuação do esclarecimento global das relações entre o pensamento de Heidegger e Aristóteles. Em concreto, o texto que este volume apresenta está em íntima conexão, não só com a lição que Heidegger deu sobre Aristóteles no semestre imediatamente anterior¹, mas também com um escrito programático de grande importância, igualmente sobre Aristóteles, que o filósofo enviou para as universidades de Marburgo e Göttingen com o objectivo de conseguir um lugar como docente numa delas, o já célebre *Natorp-Bericht*².

¹ Ver M. HEIDEGGER, *Gesamtausgabe*, II. Abteilung: Vorlesungen, Band 61: *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles. Einführung in die phänomenologische Forschung*, Frühe Freiburger Vorlesung Wintersemester 1921/22, Herausgegeben von Walter Bröcker und Käte Bröcker-Oltmanns, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 2., durchgesehene Auflage 1994. Foi, aliás, o próprio Heidegger quem, na “Vita” enviada para Göttingen a 30 de Junho de 1922, designou a lição incluída no volume 62 como “Fortsetzung” da “phänomenologische systematische Einleitung und Hermeneutik” a que correspondeu a lição dada por ele no semestre de Inverno de 1921/22 (M. HEIDEGGER, *Gesamtausgabe*, I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1910-1976, Band 16: *Reden und andere Zeugnisse eines Lebensweges*, Herausgegeben von Hermann Heidegger, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 2000, p. 44). Quem quiser, sem esforço demasiado, encontrar um ponto de contacto temático entre as análises textuais do volume 62 e as investidas fenomenológicas sistemáticas do volume anterior pode, desde logo, aceitar como fio condutor a problemática da *kinesis* da vida fáctica.

² O chamado *Relatório-Natorp*, mas cujo título verdadeiro é *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles (Anzeige der hermeneutischen Situation)*, foi publicado pela primeira vez no volume 6 do *Dilthey-Jahrbuch für Philosophie und Geisteswissenschaften* (pp. 235-274), em 1989, sob a responsabilidade de Hans-Ulrich Lessing. Pela afinidade temática e circunstancial que a *Aristoteles-Einleitung* (título que Heidegger utilizava para designar o *Relatório-Natorp*) tem com o curso dado no semestre de Verão de 1922, Günther Neumann decidiu incluir no Apêndice III do volume 62 (pp. 341-419) a edição crítica daquele texto (Posfácio do editor, p. 423). Aqui cabe apenas, não divulgar o conteúdo filosófico nuclear do *Natorp-Bericht*, já bastante analisado e discutido ao longo destes anos pelos estudiosos de Heidegger, mas, diferentemente, fazer recensão das novidades que a edição crítica incluída no volume 62 nos trouxe em relação ao texto que saiu no *Dilthey-Jahrbuch*. Em conformidade com esse critério, importa, então, referir em primeiro lugar que serviu de base à presente edição da *Einleitung* um dactiloscrito, não só com longas e numerosas notas à margem feitas pelo próprio filósofo, mas também com um grande número de acrescentos por ele inseridos à mão (Posfácio, pp. 446-447). Em relação a essas notas e acrescentos, convém ainda dizer que, eventualmente pelo seu carácter demasiado pessoal, são, para falar a verdade, raras as vezes em que elas produzem efectivo esclarecimento sobre o texto principal, sendo que, quando o fazem, é a título de aditamento ou de novas formulações do mesmo sentido fundamental; é claro, no entanto, que a luz que a leitura das notas e acrescentos em causa projecta sobre o escrito de Heidegger depende sempre da largueza das vistas de quem a faz. Ainda a respeito da secção A do apêndice aqui em questão, na qual se inseriram o dactiloscrito da *Einleitung* e os melhoramentos ulteriores de Heidegger relativamente a este, o editor do volume 62 incluiu nela, além disso, uma pequena epígrafe do punho do próprio filósofo e também um “handschriftliches Vorblatt”, que, como é natural, antepôs a todo o restante texto (pp. 345-346; a leitura destas páginas vale, acima de tudo, pelas formulações esclarecedoras a propósito de noções como “Blickstand”, “Blickhabe” e “Blickbahn”). Passando agora à consideração da secção B, Günther Neumann reservou para esta um conjunto de suplementos ao texto principal composto por esboços e apontamentos, de leitura bastante difícil e nem sempre frutífera, na sua maioria relativos a reflexões sobre a *Ética Nicomaqueia* de Aristóteles (pp. 401-415). Por fim, e na medida em que nos ficaram duas versões do *Relatório*, uma que foi enviada a Georg Misch por ocasião do concurso para professor aberto na Universidade de Göttingen e outra que permaneceu na posse do próprio autor, tendo uma parte desta, até certa altura, sido dada como desaparecida (ver Posfácio, pp. 427-429), Günther Neumann

Na verdade, é preciso acrescentar ainda que Heidegger, no período de tempo em que se dedicou à redacção dos três textos sobre Aristóteles que foram mencionados, tinha, pois, em mente a elaboração de uma grande obra acerca daquele pensador.

Através da publicação do volume que aqui nos ocupa, aqueles que trabalham na edição integral dos escritos de Heidegger puseram à nossa disposição, principalmente, a lição que este proferiu diante dos seus alunos e discípulos durante o semestre de Verão de 1922, quando ainda leccionava na Universidade de Friburgo. Como já tive oportunidade de referir anteriormente, mas então apenas de passagem, ao longo desse semestre de Verão Heidegger procurou, a partir de uma determinada orientação geral a respeito das bases da investigação aristotélica, traduzir e interpretar capítulos inteiros da *Metafísica* e *Física* de Aristóteles. Na Nota preliminar às interpretações de Aristóteles (pp. 1-12), Heidegger fornece aos seus ouvintes em Friburgo um conjunto de informações técnicas que podem, até, ser consideradas como uma espécie de pequena introdução aos estudos aristotélicos, pois aí Heidegger ensina, entre outras coisas, qual o texto que, já na altura, em geral servia de base às edições da obra de Aristóteles, quais as edições originais e traduções alemãs dos escritos de Aristóteles que então se encontravam à disposição dos leitores, que literatura secundária sobre aquele filósofo podia ser de alguma utilidade para uma melhor compreensão da sua vida e pensamento, etc. De salientar é, aqui, que a acompanhar o texto heideggeriano está um conjunto de notas de rodapé, da autoria do editor, que revela um significativo esforço filológico da parte deste, esforço esse, aliás, que é capaz, não só de satisfazer o interesse do curioso, mas também, e quase até ao pormenor insignificante, o trabalho sério e minucioso daquele que busca entender ao limite as circunstâncias da actividade de Heidegger. Na medida em que o volume 62 contém extensas passagens de Aristóteles traduzidas pelo próprio Heidegger com vista a interpretação, não é, portanto, de estranhar que se encontrem nele algumas reflexões acerca do que implica em si o acto de traduzir, embora não tantas como certos motivos comerciais associados à venda do volume aqui em causa quiseram levar a crer aos seus então futuros leitores (ver §3 a e início do §7). Essas reflexões heideggerianas visam, no fundamental do seu conteúdo, alertar os ouvintes da lição para o facto de o domínio de uma determinada língua, neste caso concreto a grega, não ser suficiente para se chegar a uma tradução que ponha de facto a falar os fenómenos tratados no original; uma tradução genuinamente filosófica, que é como tem de ser a de um escrito sobre filosofia, precisa de conquistar, partindo da sua própria situação hermenêutica, uma clareza de orientação tal que faça caminhar a letra do texto original e o debate aturado com ela no sentido que pretende (ver p. 6 e ss.). A primeira série de traduções de passos de Aristóteles em que Heidegger trabalhou para esta lição incidiu sobre os dois primeiros capítulos do livro I da *Metafísica* (pp. 16-46), capítulos esses que viriam, logo de seguida, a ser detalhadamente interpretados com base em tal série de traduções (pp. 47-113). Sendo, segundo Heidegger, o objectivo principal deste seu curso a obtenção de um “prinzipielles Verständnis” da ontologia aristotélica (p. 13) e tendo tal entendimento de Aristóteles, para ser suficiente e verdadeiro, como condição prévia a determinação do que “Aristoteles selbst unter wissenschaftlicher Forschung versteht” (p. 15), nada mais natural do que avançar, em

destinou à secção C uma espécie de concordância, cujo significado é principalmente filológico, entre os termos gregos usados na versão-Misch e os da versão-Heidegger (pp. 417-419).

primeiro lugar, para a tradução e interpretação dos passos da *Metafísica* em que o filósofo grego se dedica a identificar as diferentes etapas de desconfinamento a que está exposta a perspectiva humana. Após a tradução desses passos da *Metafísica*, tradução na verdade algo pesada de tão excessivamente perifrástica, mas, em todo o caso, já bastante direccionada e esclarecedora a respeito da interpretação que se lhe seguirá, Heidegger vai, pouco a pouco, interpretando as várias etapas de desconfinamento até chegar, finalmente, à mais elevada de todas, a *sofia*. De acordo com a certa hipótese de leitura heideggeriana, é justamente pela ideia normativa de *sofia* que Aristóteles regula as suas próprias investigações ontológicas, e nessa medida é, pois, através do estudo do que a *sofia* representa no universo de Aristóteles que se pode ousar alcançar aquilo que este entende por “wissenschaftliche Forschung” no âmbito da filosofia. A separar a primeira da segunda e última série de traduções e interpretações de passagens de Aristóteles está uma muito curta “Überleitung” (pp. 115-120), na qual Heidegger, fazendo assim a ponte entre a anterior focagem da *Metafísica* e as considerações posteriores a incidir sobre a *Física*, argumenta, sempre fiel à sua hipótese de leitura, que as diversas etapas de desconfinamento por ele identificadas não correspondem, em verdade, senão a formas de *kinesis* da vida humana. Além disso, o fenómeno da *kinesis*, tema central da *Física* de Aristóteles, constitui ainda o terreno cujo tratamento permite a este filósofo conquistar os seus conceitos ontológicos fundamentais, daí que Heidegger, mantendo o objectivo principal do seu curso, não hesite em avançar para a tradução e análise dos primeiros capítulos desse tratado aristotélico. Depois da longa e intrincada tradução dos quatro primeiros capítulos da *Física* (pp. 123-165), Heidegger parte, então, para a sua análise dos caps. 2 e 3 do livro I desse texto (pp. 165-261), da qual importa destacar, sucintamente, o modo como o filósofo alemão se aproxima da crítica aristotélica aos Eleatas. Seguindo as diversas fases da crítica de Aristóteles à tese eleática *hen ta panta*, Heidegger vai, assim, ao encontro da concepção aristotélica fundamental da complexidade do *on* ao ser visado espontaneamente no *logos*. Mais do que marcar apenas a interpretação heideggeriana dos escritos de Aristóteles, neste caso particular a interpretação da *Física*, a concepção aristotélica do *on* como *polla chôs legomenon* deixa, igualmente, as suas marcas na filosofia do “primeiro Heidegger” mesmo quando esta se produz no contacto directo com “as próprias coisas”.

Porém, o trabalho editorial implicado no volume 62 não se reduziu, de maneira alguma, à montagem de um texto principal para o curso dado por Heidegger no semestre de Verão de 1922, cujo manuscrito, digamos assim, não se encontrava originalmente em condições de se publicar (ver Posfácio, pp. 422-23). Para além disso, Günther Neumann, o editor responsável pelo volume 62, anexou ao texto principal da lição dois apêndices de diferente natureza e proveniência. Assim, no Apêndice I (pp. 263-301) reuniu um conjunto de suplementos de vários tipos, todos eles redigidos pela mão de Heidegger, pertencentes ao âmbito de trabalho da lição proferida no Verão de 22, os quais foi dispendo consoante dissessem respeito ao primeiro, segundo ou terceiro capítulo do curso em questão. Por sua vez, no Apêndice II (pp. 303-39) Günther Neumann põe à disposição dos leitores de Heidegger excertos relativamente longos dos cadernos de apontamentos de dois dos alunos do filósofo, a saber, Walter Bröcker e Helene Weiß. Ambos os apêndices são, aqui e ali, de leitura bastante mais proveitosa do que a de certos passos do texto principal da lição relativos aos mesmos assuntos, ou talvez isso seja apenas mero efeito da repetição no contacto com os mesmos fenómenos. Em qualquer dos casos, resta somente esperar que a leitura, não só do conteúdo dos

apêndices, mas também, e sobretudo, do texto principal da lição, venha inspirar aos estudiosos de Heidegger o estabelecimento de novas relações dentro da sua obra ou, de preferência, a paixão pelo risco do pensamento independente.

*Paulo Alexandre Lima**
Universidade Nova de Lisboa/Universidade de Coimbra

* Doutorando em Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia na Universidade Albert Ludwig de Friburgo na Alemanha. Investigador da Unidade *Linguagem, Interpretação & Filosofia* do Departamento de Filosofia da Universidade de Coimbra.